COMUNICAÇÃO ORAL - GT 09 - ESTÉTICA E POLÍTICA: GÊNERO, RAÇA E CLASSE

O QUARTO QUE FALA: PROJEÇÕES SENSÍVEIS, DISCURSO E RE-EXISTÊNCIA NA ARTE-EDUCAÇÃO

Raquel Alberti (raquel.alberti123@gmail.com)

Este trabalho discute a arte na educação como espaço poético-político de emergência do sujeito, tomando como ponto de partida um relato vivido no contexto do ensino de artes visuais com um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em diálogo com a Análise do Discurso de linha materialista (ORLANDI, 2015) e com as noções de tessitura, tecedura e projeções sensíveis propostas por Neckel (2010), analisa-se como o espaço do quarto, mobilizado inicialmente pela obra Quarto em Arles (1889), de Vincent van Gogh, desloca-se da dimensão estética para constituir-se como materialidade discursiva atravessada pela memória, pela dor e pelas condições concretas de existência do sujeito. Durante a experiência artística, o estudante passa a produzir dizeres relacionados ao abandono, ao pertencimento, à família e à sobrevivência, fazendo emergir sentidos que ultrapassam a atividade pedagógica e revelam fissuras do vivido. Nesse movimento, o quarto deixa de operar apenas como representação visual e passa a funcionar como espaço de projeções sensíveis, no qual corpo, linguagem e experiência se entrelaçam. A

partir da perspectiva histórico-cultural de Vigotski (2009), compreende-se que imaginação e criação não se dissociam da realidade, mas reorganizam simbolicamente aquilo que atravessa o sujeito em sua existência concreta. Ao considerar a arte como espaço de escuta e elaboração simbólica, o artigo problematiza o lugar frequentemente secundarizado do ensino artístico na escola, compreendendo-o como campo de re-existência de sujeitos historicamente silenciados. Discute-se, assim, como determinadas experiências estéticas podem criar condições para que outros modos de dizer, sentir e existir encontrem espaço no cotidiano escolar. Conclui-se que a arte, quando atravessada pela experiência sensível e pela escuta implicada, ultrapassa a dimensão complementar atribuída ao ensino e passa a operar como gesto político de produção de sentidos, permitindo que aquilo que muitas vezes não encontra lugar no discurso possa, enfim, emergir.

Palavras-chave: corpo-linguagem; projeções sensíveis; arte e educação; autismo; experiência estética.